

na centenária do seu NASCIMENTO (1988)

# Uma pátria com muitas línguas

António Massano

**A** 30 DE NOVEMBRO de 1935, numa cama do Hospital de S. Luís dos Franceses, Fernando Pessoa escrevia, em inglês, as suas últimas palavras: «Não sei o que trará o amanhã» (I know not what tomorrow will bring). Já em Junho de 1914, confidenciava numa carta à mãe: «Que serei eu daqui a dez anos — de aqui a cinco anos mesmo? Os meus amigos dizem-me que eu serei um dos maiores poetas contemporâneos — dizem-nos vendo o que eu tenho já feito, não o que poderei fazer (se não eu não citava o que eles dizem...). Mas sei eu ao certo o que isso, mesmo que se realize, significa? Sei eu a que isso sabe? Talvez a glória saiba a morte e a inutilidade e o triunfo cheire a podridão.»

Depois, sobretudo muitos anos depois, é o que se sabe em torno dele e da sua obra: teses, colóquios, encontros, seminários, congressos, estátuas, homenagens, números monográficos de revistas, etc., etc. Dele, um sem-número de leitores, tradutores, admiradores, imitadores, e até abutres. E um sem-número de contagiados pela «febre» pessoana.



Com a família, em Durban: «Serei compreendido só em effigie»

E rematemos com as palavras de Pessoa, em carta à mãe, citadas no início: «Talvez a glória saiba a morte e a inutilidade, e o triunfo cheire a podridão.»

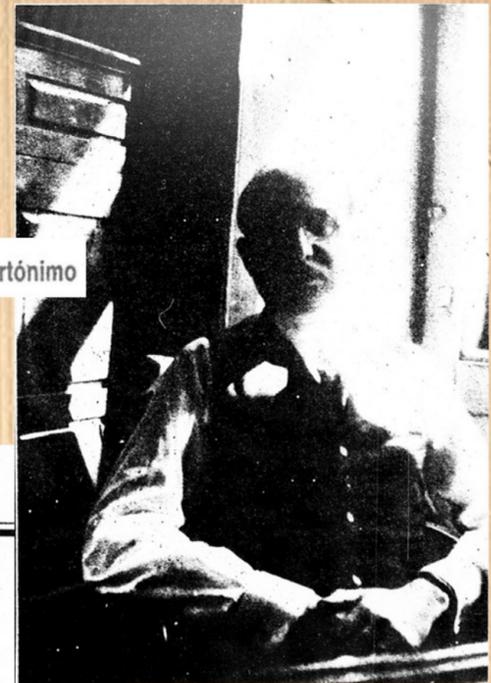
EXPRESSO REVISTA  
4/6/1988



E é tão lento o teu soar  
Tão como triste da vida,  
que já a primeira pancada  
Tem o som de repetida.

A negação do tempo é sobretudo a do Pessoa ortónimo

EXPRESSO REVISTA  
4/6/1988



Apesar da sua obsessão pela realidade misteriosa do tempo, a poesia de Pessoa deve a sua originalidade mais profunda e os seus sortilégios a uma paradoxal centralização do tempo. E o poema nasce como manifestação de uma ausência radical de sentido para o que chamamos o Tempo e a Morte



ensaio

## Pessoa e o tempo

Eduardo Lourenço



No nosso século, poucos poetas terão deslizado sobre essas «águas eternas» de que o Tempo e o Espaço são puro exílio, com tanta melancolia e esplendor como Fernando Pessoa.

Sentimento agudo do tempo

Na realidade, sob esta forma mítica, a neutralização ou escamoteação do Tempo manifesta «a contrario» um sentimento agudo desse mesmo Tempo. Se o ser encarnado, o Poeta, se entrevê como simulacro, como esboço da sua realidade oculta, aquém do tempo, não deixa de sentir, de uma maneira mais conforme à glosa lírica da temporalidade vivida como nostalgia de si mesmo, ou busca dilacerante de ser, a ausência da substância, a irrealidade de uma existência emersa, por assim dizer, confundida com a «passagem das horas», a inconsistência dolorosa do que passa, do puro devir. Esta «velha música» que ressoa na poesia do poeta ortónimo, poesia sem aparente ambição metafórica, quase popular na sua inspiração é aquela onde se inscreve o sentimento de uma temporalidade simultaneamente real e vã, porque desdobrada, como no célebre pequeno poema em que Pessoa evoca «os sinos da minha aldeia»:

E é tão lento o teu soar  
Tão como triste da vida,  
que já a primeira pancada  
Tem o som de repetida.

